

Imagens em versos e acordes: a representação da cidade de Feira de Santana através do seu hino

Images in verses and chords: the representation of the city of Feira de Santana through its anthem

Aldo José Morais Silva*

Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Recebido em: 11 dez. 2019.

Aprovado em: 28 abr. 2020.



* Professor Titular do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia; Especialista em Teoria e Metodologia da História e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. (aldojose2@uefs.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-3738-6843>

 <http://lattes.cnpq.br/3392550430559016>

Resumo

Nesse artigo buscamos analisar os sentidos do hino composto para a cidade de Feira de Santana, na Bahia, em 1928, pela poetisa e maestrina Georgina Erisman. Trata-se de um exercício de interpretação dos símbolos e significados da obra (o hino) e de como a autora buscou representar essa cidade com base em um conjunto de elementos que definiam a identidade local no início do século XX. Tais elementos passaram por sua vocação comercial, sua religiosidade, sua feminilidade e até o seu clima, dentre outros. Um conjunto de imagens cujo sentido se perdeu quase totalmente para as gerações posteriores, mesmo que o hino ainda seja atualmente um dos símbolos oficiais da cidade.

Palavras-chave: Hino cívico. Feira de Santana. Representação Urbana.

Abstract

In this article we seek to analyze the senses of the anthem composed for the city of Feira de Santana, Bahia, in 1928, by poet and conductor Georgina Erisman. It is an exercise in interpreting the symbols and meanings of the work (the anthem) and how the author sought to represent this city based on a set of elements that defined local identity in the early twentieth century. Such elements went through their commercial vocation, their religiosity, their femininity and even their climate, among others. A set of images whose meaning has been almost completely lost to later generations, even though the anthem is still one of the city's official symbols.

Keywords: Civic Anthem. Feira de Santana. Urban Representation.

Situando o objeto

Pretendemos com este artigo recuperar e demonstrar quais foram os sentidos do hino composto pela poetisa e maestrina Georgina Erisman, para a cidade baiana de Feira de Santana, em 1928, e como o conjunto de significados presentes na composição expressava não apenas os valores, memórias e experiências de sua autora, mas também e mais significativamente um conjunto de elementos que definiam a identidade social local, no início do século XX, a partir de certas representações que vigoravam ou haviam vigorado acerca do lugar. Tal abordagem se justifica pelo fato de que o conjunto de elementos evocados pelo hino em questão foi quase totalmente esquecido no decurso do século XX, e são estranhos aos munícipes hodiernos, ainda que o hino permaneça como um dos símbolos oficiais da cidade.

Para balizar o exercício de interpretação proposto, valemo-nos da noção de identidade social conforme apresentada por Pollak, que pensa tal fenômeno como expressão da articulação de memórias (sempre seletivas) partilhadas por um grupo, em uma dada espacialidade e/ou período, e que supostamente confeririam certa unidade aos que delas participam em contraposição aos 'outros', alheios e apartados desse substrato comum. Nesse sentido a identidade social seria um elemento essencial de "continuidade e coerência" do grupo, de sua "reconstrução de si".¹

Concorre ainda para construção dessa coerência o recurso a narrativas e, sobretudo, a imagens através das quais, também segundo Pollak, uma pessoa (e pode-se estender tal dinâmica à dimensão da sociedade) "refere a ela própria, a imagem que constrói de si e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros".² Essa dinâmica nos aproxima, por sua vez, da noção de representação segundo Roger Chartier, com a qual buscamos compreender fenômenos e estratégias de elaboração de imagens do social que, sem se confundirem necessariamente com o real, ensejam práticas que dão forma à experiência vivida, quer seja em nível individual, quer seja coletivamente.³ Ou seja, as representações, como observa Carvalho, se apresentariam como discursos que "produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas" e que, portanto, "não se opõem ao real, [mas] se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matizes de classificação e ordenação do próprio mundo social e do mundo real".⁴

¹ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 204.

² *Idem*.

³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 13-28.

⁴ CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005, p. 151.

O reconhecimento dos sentidos perdidos de uma obra que se pretendeu capaz de traduzir a sociedade de que trata se mostra, cremos, como um interessante exercício de compreensão, a partir de um caso concreto, sobre como se constituem os elementos estruturadores de sentidos para essa coletividade. Identificar a natureza das imagens e narrativas que lhe davam forma deve permitir compreender o porquê de seu esvaziamento de significados reconhecíveis, significados certamente tidos como marcados por perenidade e solidez em outros tempos.

Feira de Santana, seu hino e os seus sentidos perdidos

Feira de Santana é a segunda maior cidade do estado da Bahia, depois da capital, Salvador, distando cerca de 108 Km. desta. Sua história remonta ao final do século XVIII quando a interiorização da atividade pastoril fez surgir fazendas de criação de gado. Em menos de um século, a sede de uma daquelas fazendas se converteu em povoado e, dada a sua posição estratégica no cruzamento de diferentes rotas de comércio, cresceu rapidamente, figurando entre as principais cidades da Bahia ainda em fins do século XIX. A profusão e vigor de sua atividade econômica e a devoção católica dos donos da antiga fazenda à Santana definiram o nome do lugar.

Tal desenvolvimento e o aumento de sua relevância no cenário estadual levaram os municípios feirenses a investir em promover uma imagem (e uma identidade) positiva de Feira de Santana que extrapolasse a mera condição de cidade comercial, e diferentes estratégias foram usadas nesse sentido nos séculos XIX e XX, como já o demonstramos em outro estudo.⁵ Os hinos estão entre os elementos mais usados para construir e projetar uma imagem desejada, seja de um grupo ou de um lugar, e não são raros os estudos que demonstram como esse recurso foi usado por diferentes localidades no Brasil, de sorte que com a cidade de Feira de Santana não foi diferente.⁶ Já em 1889, o Maestro Tranquilino Bastos, de uma das filarmônicas do município, apresentou um primeiro hino para a cidade, mas disputas políticas locais fizeram com que a obra deixasse de ser executada e determinaram o seu total esquecimento. Somente em 1928 a maestrina e professora da Escola Normal feirense, Georgina Erisman, apresentou outro hino em homenagem a Feira de Santana.

Erisman vinha de uma tradicional família feirense e recebera acurada formação musical na capital baiana, vindo a se destacar como musicista. Ao regressar para Feira de Santana, onde se casou em 1926, tornou-se ativa fomentadora da vida cultural local, como já assinalamos em outro artigo.⁷ A despeito do reconhecimento que obteve entre seus

⁵ SILVA, Aldo José Morais. De terra são a berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana. *Revista de história regional*, Ponta Grossa (PR), n. 13, v. 2, p. 104-133, 2008.

⁶ Veja-se, por exemplo: COLFERAI, Sandro Adalberto. Ribeirinhos e colonos: a representação de uma identidade preferencial no hino de Rondônia. *Raído*, Dourados (MT), v. 4, n. 7, p. 333-346, out. 2010.

⁷ SILVA, Aldo José Morais. Um hino para a cidade: as disputas pela representação da memória e identidade através dos hinos cívicos em Feira de Santana, no século XX. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 35, v. 2, p. 51-74, jul.-dez. 2017, p. 60.

contemporâneos, no artigo em questão demonstramos que Erisman não compôs seu hino pretendendo que este fosse o símbolo oficial da edilidade. A obra foi concebida como um hino escolar, com uma função didática, no âmbito da Escola Normal. E somente a partir dos anos 1960, décadas após o falecimento da autora, passou a ser sistematicamente entoado em escolas públicas feirenses, precisamente pelas professoras que, tempos antes, haviam sido as alunas normalistas da maestrina.

O entoar do hino feirense, a partir da década de 1960 e desde então, porém, guarda uma particularidade. Os significados da maior parte de seus versos já não são compreendidos pelos munícipes atuais, em razão da mudança da sociedade feirense e seus referenciais. Nesse sentido, como argumentamos em outro estudo sobre o hino:

De fato, é seguro afirmar que foi a mudança do perfil sociocultural da população feirense, radicalmente transformada no decurso das décadas de 1930 a 1970, que produziu um choque identitária na geração que experimentou a percepção desta transformação. A constatação de que os vínculos da cidade com seu passado estavam se perdendo, sem que uma nova lógica de articulação com o presente estivesse clara, fez do hino à Feira (uma obra praticamente esquecida e com uma mensagem absolutamente estranha ao público hodierno), o primeiro dos elementos para recuperar (para alguns) e estimular (para uma maioria, sem dúvida) uma relação de pertença julgada necessária com este lugar, a cidade de Feira de Santana.⁸

Mas quais eram esses significados originais, perdidos ao longo do século XX? Nosso esforço a partir desse ponto é responder a isso. E com esse fim, é preciso ter em conta que, como bem observa Cornelsen, um hino “é uma criação mista, produzida por um discurso literomusical e, como tal, marcada pela inclusão simultânea do elemento musical e do verbal”.⁹ Logo, a partir desta constatação o autor propõe uma metodologia de análise que explora e evidencia esta dupla dimensão da constituição dos hinos, sugerindo tomar por base a identificação dos elementos líricos (a estrutura formal do texto poético), épicos (os elementos da narrativa que constroem a imagem heroica da entidade, seus feitos e virtudes) e dramáticos (os indicativos de afetividade, fidelidade, emoção e louvor) presentes na obra. Tomando de empréstimo e adaptando tal modelo interpretativo, intentamos investigar então os significados presentes na obra de Erisman, buscando para isso situar tal produção no seu contexto espacial e histórico. Eis o hino.

1ª Estrofe	Refrão/coro	Salve ó terra formosa e bendita Paraíso com o nome de Feira Toda cheia de graça infinita
2ª Estrofe	Solo I	És do Norte a princesa altaneira Bem-nascida entre verdes colinas Sob o encanto de um céu azulado Ao estranho tu sempre dominas Com o poder do teu clima sagrado
3ª Estrofe	Solo II	Sorridente como uma criança Descuidosa da sua beleza Do futuro és a linda esperança

⁸ SILVA, Aldo José Morais. O hino à feira: entre a resignificação e a identidade. *Projeto História*, São Paulo, v. 61, p. 115-147, jan.-abr. 2018, p. 141.

⁹ CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares. *Revista interfaces*, n. 20, v. 1, p. 78-94, jan.-jun. 2014, p. 78.

4ª Estrofe	Solo III	Terra moça de sã natureza Poetisa do branco luar Pelas noites vazias de agosto Fiandeira que vive a fiar
5ª Estrofe	Solo IV	A toalha de luz de sol posto De Santana és a filha querida Noite e dia por ela velada E o teu povo tão cheio de vida Só trabalha por ver-te elevada. ¹⁰

No que se refere aos seus elementos líricos, o hino à Feira de Santana é uma quintilha (conjunto de cinco estrofes) e, de acordo com Teófilo Braga, traz como forma de metrificação a endecha, na qual

os acentos silábicos caem, obrigatoriamente, nas terceira, sexta e nona sílabas poéticas, dando uma cadência monumental em cada verso. No primeiro verso, que é também usado como estribilho, Georgina criou um decassílabo da forma italiana com todo o rigor que a métrica exige e com rimas entrelaçadas, sem necessidade da rima rica que muitas vezes sacrifica a beleza do verso.¹¹

Podemos iniciar a análise pelo refrão, que é cantado após cada um dos solos, num total de cinco repetições. Este começa com uma saudação à cidade seguida por duas adjetivações: formosa e bendita. A atribuição de formosura é esperada em uma composição de enaltecimento. E nos anos 1920 Feira de Santana gozava de uma imagem positiva nesse sentido. Em 1927, por exemplo, o jornal feirense *Folha do Norte* reproduziu nota em que a cidade era assim descrita por um viajante:

Ocupando uma vasta planície, suas ruas são todas largas e bem calçadas; praças arborizadas, edifícios suntuosos, como o Palácio da Intendência Municipal, os grupos escolares, Hospital de Misericórdia, Asilo das órfãs de N. S. de Lourdes, as sedes de suas filarmônicas, Mercado e Matadouro Público, bem como uma infinidade de palacetes, residências de seus negociantes, capitalistas, industriais e fazendeiros.¹²

É preciso cautela com tais notas pois o proprietário do Jornal, Arnold Silva, havia sido intendente municipal. Logo, reconhecer a beleza da cidade equivalia a enaltecer seus próprios méritos administrativos. Mas falas dessa natureza efetivamente existiam. Em outro exemplo, publicado pelo *Folha da Feira*, diz-se,

A sua sede, a belíssima e atraente cidade de Feira de Santana, é uma das mais bem ajardinadas e das mais asseadas cidades da Bahia. [...] A bela e plana Princesa dos Sertões tem suas ruas certas de tal modo que chama logo a atenção do visitante [...]. Completando essa obra dos edificadores da aprazível cidade, os feirenses constroem as suas residências obedecendo às linhas mais modernas de construção.¹³

¹⁰ ERISMANN, Georgina (org.). Hino à Feira. In: *Hinário escolar para o orfeão da escola normal da Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: Livraria Silva e Irmãos, 1928, p. 5.

¹¹ *Apud*: LAGEDINHO, Antonio do. Hino à Feira. *Feira Antiga*. (Blog). Publicado em: 2 set. 2010. Disponível em: <http://feiraantiga.blogspot.com.br/2010/09/hino-feira.html>. Acesso em: 25 jun. 2015.

¹² Município da Feira de Sant'Anna. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 14 maio 1927, p. 4.

¹³ Município da Feira de Sant'Anna: seu progresso assinalável através de zelosas administrações que trabalham pelo engrandecimento da linda "Petrópolis baiana". *Folha da Feira*, Feira de Santana (BA), 19 jun. 1933, p. 1.

Aqui referências às ruas largas e calçadas, praças arborizadas e amplas são constantes e fazem parte do ideal urbano de fins do século XIX, baseado na cidade planejada, com vias retilíneas e largas, prédios padronizados e monumentais, tudo inspirado na Paris de George Eugene Haussmann.¹⁴ Esse modelo orientou reformas urbanas em diversos países e capitais estaduais no Brasil, a partir da reforma do Rio de Janeiro.¹⁵ Em Feira de Santana não houve uma reforma urbana similar ao das capitais, mas ações pontuais de normatização, tomadas desde fins do século XIX, como a padronização de construções e o alinhamento de ruas, identificadas como artérias urbanas (priorizando o fluxo contínuo de pessoas e mercadorias, o que dava à cidade atributos de um corpo orgânico)¹⁶, acentuavam características que o traçado citadino local já apresentava desde os seus primórdios e que vinham ao encontro daquele ideal urbano. Nesse sentido, nas primeiras décadas do século XX Feira de Santana tinha características identificadas como definidoras de um modelo desejável de cidade, e que orientaram a percepção de Erisman sobre a formosura feirense.

O adjetivo do primeiro verso, "bendita", e a imagem do segundo, "paraíso", trazem (no refrão repetido cinco vezes) o que para Erisman era traço marcante da identidade feirense, uma religiosidade de matriz católica, pretendida uniforme na sociedade local, visão que era partilhada por outros intelectuais feirenses, a despeito da presença de protestantes e da umbanda.¹⁷ A noção de bênção associa-se a "favores e vantagens que Deus concede" e a condição de "paraíso" justifica tal bênção.¹⁸ Afinal, um lugar formoso e de "graça infinita" evoca a imagem daquele "lugar" celestial. Mas, o sentido religioso mais difundido para "graça" é o de "um dom, um favor absolutamente imerecido, concedido gratuitamente por Deus ao homem".¹⁹ Logo, tal como a bênção, a graça seria um presente. De volta à ideia do paraíso, esta evoca um "lugar" de harmonia, reencontro e bonança e ainda como sinônimo de lugar muito agradável e belo.²⁰ Erisman faz uso do termo entre uma acepção e outra. Então a cidade é bela e agradável a ponto de ser equiparada a um paraíso. Além disso, tem nome de feira, numa alusão a atividade comercial (bem terrena, aliás) que historicamente deu fôlego à cidade. Mas por ser tão prosaica a atividade comercial, evoca-se outra imagem cara à sociedade feirense, a da cidade princesa, para contrabalançar a falta de singularidade da ideia de uma cidade meramente comercial (pois qualquer cidade pode ser comercial).

¹⁴ FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p. 56-58.

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (dir.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3: República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22-23.

¹⁶ SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 220.

¹⁷ SILVA, Elizete da. O campo religioso feirense: um olhar poético. In: SILVA, Aldo José Moraes (org.). *História poesia sertão: diálogos com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2010, p. 126-127.

¹⁸ KUNZ, Marivete Zanoni. A bênção no antigo testamento. *Revista Batista Pioneira*, Ijuí (RS), v. 1, n. 1, p. 23-40, jun. 2012, p. 25.

¹⁹ GÓES, Andréa Beatriz Hack de. "Com a graça de deus": o humano como condição para a plenitude do divino. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 11/12, p. 877-888, nov.-dez. 2009, p. 883.

²⁰ Cf.: DELUMEAU, Jean. O que sobrou do paraíso. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 31, p. 141-158, 2004.

Essa caracterização da cidade provinha da referência ao epíteto de “Princesa do Sertão”, criado por Rui Barbosa, que em 1919 fez uma conferência em Feira de Santana durante a sua campanha à presidência da República.²¹ A fala ocorreu no dia 24 de dezembro, e foi reproduzida pelos jornais da capital baiana, *Diário da Bahia* e *A Tarde*.²² O jornal feirense *Folha do Norte* também reproduziu o discurso no ano seguinte, o que explica a difusão deste ‘título’ na cidade e alhures. O recurso a tal referência (princesa), era comum para Ruy e boa parte da intelectualidade baiana da época, que fazia uso dos epítetos para caracterizar a Bahia e exaltar as suas virtudes no cenário republicano, sobretudo pela evocação do seu passado glorioso, da Colônia ao Império, como bem observa Leite.²³ O próprio Ruy referiu-se à Bahia como “a rainha entre as rainhas do espírito”.²⁴ Outras imagens, como as de mãe, deusa e heroína eram ainda utilizadas para enaltecer a Bahia, além de referenciá-la como a “Rainha do Norte”, num paralelo à imagem erismaniana da princesa altaneira do Norte.²⁵ Em paralelo, a alusão à ideia de realeza articula-se a uma noção de sacralidade, ambas arraigadas no imaginário cultural brasileiro, tendo tal associação se prestado para referendar o poder político institucional e simbólico, com distinção a quem gozasse de tal atributo.²⁶ No caso feirense, a caracterização da cidade como “Princesa” e também como “altaneira”, literalmente aquela “que se eleva muito”, pretendeu servir ao enaltecimento do lugar, diferenciando-o de outras tantas cidades meramente comerciais.²⁷

Como dito, a associação ao Norte era comum também nas caracterizações feitas para a Bahia, mas ela soa estranha atualmente e precisa ser explicada. Entre 1913 e 1970 o Brasil contou com cinco divisões regionais oficiais. Mas somente na instituída em 1970, a Bahia passou a integrar a região Nordeste (criada em 1940, contando ainda com os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Alagoas). Até então a Bahia pertencera às regiões Oriental (1913), Leste (1940), Leste Setentrional (1945) e novamente Leste (1950).²⁸ Em 1928, ano de publicação do hino feirense, a divisão territorial vigente era a de 1913, que reconhecia cinco regiões, ou cinco Brasis, a saber: o Brasil Setentrional, o Norte-Oriental, o Oriental, o Meridional e o Central. A Bahia estava então no Brasil Oriental (com Sergipe, Rio de

²¹ A Conferência do cons. Ruy Barbosa nesta cidade pronunciada, no teatro Santana, aos 25 de dezembro último. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 10 jan. 1920, p. 2.

²² BARBOSA, Ruy. *Campanha da Bahia*. [1919]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 173. (Obras completas de Ruy Barbosa. Vol. 46. Tomo III).

²³ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A rainha destronada: discursos das elites letras sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2012, p. 39-40.

²⁴ *Apud: Ibidem*, p. 40.

²⁵ *Ibidem*, p. 86.

²⁶ Ver: BRITO, José Arthur Tavares de. Poder, religião, política e mídia no Brasil: reflexões sobre a problemática do poder que perpassa os fenômenos religiosos, político e midiático. *Revista de teologia e ciências da religião*, Recife, ano 1, n. 1, p. 93-112, jan. 2002; DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 243-261, jan.- jun. 2006.

²⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 106.

²⁸ BRAGA, Clézia. Histórico das regiões brasileiras, p. 1. *Geografia com Clézia Braga*. (Blog). Publicado em: 2008. Disponível em: <http://cleziabraga.blogspot.com.br/2008/09/o-historico-das-regies-brasileiras.html>. Acesso em: 7 jan. 2016.

Janeiro, Espírito Santo, Distrito Federal e Minas Gerais).²⁹ Assim, segundo tal divisão, Feira de Santana não seria uma cidade “do Norte”.

Tais divisões, porém, não eram conhecidas fora das esferas oficiais até a década de 1940. Só então, com a criação do IBGE e a adoção de uma perspectiva de centralização política pelo governo Vargas, houve uniformização das divisões regionais, superando o que era considerado um “caos” no quadro territorial brasileiro.³⁰ Até então a população pensava o Brasil em termos de Norte e Sul e suas distâncias físicas e culturais. Tal leitura se mostra nas caracterizações feitas da Bahia e está também presente na caracterização de Erisman.

Mas, mesmo essa visão informal era pouco clara, não havendo consenso sobre quais estados compunham cada um dos polos. Assim, se na Bahia, Erisman e Ruy Barbosa se reconheciam no Norte, em São Paulo, um articulista do jornal *O Estado de São Paulo* afirmava que “Incontestavelmente o Sul do Brasil, [...] é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul”.³¹ Não obstante, segundo a visão dominante, Feira de Santana estava no Norte do Brasil. Ao evocar a imagem da princesa altaneira do Norte, Erisman evidenciou sua adesão às práticas de enaltecimento de sua terra por meio de um conjunto bem particular de alegorias, e também o esforço de, por meio destas imagens, reforçar uma diferenciação entre Feira de Santana e as cidades próximas.

Na segunda estrofe (solo I) a autora traz novos elementos que fariam da cidade um lugar “bendito”. O primeiro remete à geografia feirense, descrevendo a cidade como nascida “entre verdes colinas”. Ocorre que não há colinas visíveis no entorno imediato de Feira, com exceção de uma pequena faixa situada na borda do tabuleiro sobre o qual se estende o centro urbano (extensão da Rua Conselheiro Franco). A imagem 1 mostra essa faixa, de sul a norte, estando a dita borda à esquerda do conjunto arquitetônico. Vê-se que as copas das árvores à esquerda estão mais baixas, porque estão em terreno em declive. A via paralela (à esquerda) à Rua Conselheiro Franco, apresenta um desnível de seis a oito metros em relação à via mais alta, diferença que aumenta em relação ao eixo visto na imagem. Esse desnível permitia a quem se posicionasse voltado para oeste observar um panorama mais amplo, estendendo a visão a várias dezenas de quilômetros.

²⁹ LIMA, Maria Helena Palmer; et al. (org.). *Divisão territorial brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p. 9. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf. Acesso em: 6 jan. 2016.

³⁰ PENHA, Eli Alves. *A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: IBGE - Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 1993, p. 31-42.

³¹ Apud: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife; São Paulo: Massangana; Cortez, 1996, p. 43.

Figura 1 - Vista da Rua Conselheiro Franco, 192[5].



Fonte: CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque (org.). *UEFS 20 anos*. Feira de Santana, BA: UEFS, 1996, p. 12.

Na Rua Conselheiro Franco, estava o Hotel (também identificado como Pensão) Universal, pertencente a Camilo Lima, pai de Georgina Erismann.³² A imagem 2 mostra o hotel, tendo um automóvel e um grupo de pessoas à porta.

³² ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário personativo, histórico e geográfico de Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: Aliança, 1998, p. 56.

Figura 2 - Vista do Hotel Universal, na Rua Conselheiro Franco, 19[30].



Fonte: A Feira dos velhos tempos IV: a Pensão Universal. *Blog Por Simas. (Blog)*. Publicado em: 7 abr. 2013. Disponível em: <https://porsimas.blogspot.com/2013/04/a-feira-dos-velhos-tempos-iv.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

O prédio era um dos poucos com mais de um pavimento na cidade nas primeiras décadas do século XX. Dos cômodos da parte de trás do prédio, tinha-se uma visão privilegiada e quase exclusiva, de 180°, do horizonte de oeste, norte e leste da cidade. Dali a jovem Georgina Erisman pôde contemplar ao longe a silhueta de distantes morros e colinas. Ou seja, ao mencionar no hino a imagem de uma cidade “bem-nascida entre verdes colinas” a autora estava expressando uma experiência sensorial muito particular e marcante, ainda que pouco compartilhada por outros.

A estrofe segue com um novo verso que afirma encontrar-se a cidade “sob o encanto de um céu azulado”. Traços climáticos ou ambientais são com frequência evocados para auxiliar na caracterização de cidades. Há, por exemplo, a “cidade dos ventos”, caso de Valparaíso, no Chile, a “cidade do sol”, epíteto para Natal (RN).³³ A alusão à “terra da garoa” há muito designa São Paulo, enquanto Piratininga (SP), foi chamada de “cidade das névoas”, dentre outras.³⁴ A descrição de Erisman se vale do mesmo artifício. E é também o registro de outra percepção sensorial, mas neste caso de um traço mais facilmente reconhecível na cidade

³³ MENDONÇA, Magaly; ROMERO, Hugo. Análise comparativa dos fatores e formas dos climas urbanos de Florianópolis - Brasil e Valparaíso - Chile. *8º Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica*. Alto Caparaó, MG: [S. n.], 2008, p. 5. Disponível em: http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/118151/ANALISE_COMPARATIVA_DOS_FATORES_E_FORMAS_DOS_CLIMAS_URBANOS_DE_FLORIANOPOLIS-BRASIL_E_VALPARASO-CHILE.pdf?sequence=1. Acesso em: 31 jan. 2016; FURTADO, Edna Maria. *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. 2005. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional, Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p. 156.

³⁴ GRILLO, Angela Teodoro. Um estudo sobre o eu lírico do poeta arlequinal. *Contexto*, Vitória, n. 32, p. 116-136, jul.-dez. 2017, p. 129; FRANÇA, Rubens Limongi. Castro Alves em São Paulo e na sua faculdade de direito. *Revista da Faculdade de Direito, USP, São Paulo*, v. 92, p. 581-585, 1997, p. 583.

sertaneja, cuja posição, sob a latitude 12° 16" S e a longitude 38° 58" W, a põe no semiárido baiano. Céus azulados, portanto, sempre foram uma característica concreta, em boa parte do ano, para Erisman e os demais feirenses.

Mas como céus azulados não chegam a conferir distinção à Feira de Santana, o complemento da estrofe trata de corrigir tal deficiência. De fato, Erisman complementa a trivial imagem da cidade de céu azul com a observância de que esta tem também um poderoso "clima sagrado" que, como anuncia no terceiro verso da estrofe, é capaz de dominar os estranhos. Há dois aspectos aqui a serem explicados: a alusão ao "clima sagrado" e a dominação do estranho, isto é, dos não feirenses. A sacralidade é uma noção cujo significado varia de algo "respeitado, venerado, e inviolável" até algo protegido contra a profanação.³⁵ Em ambos o elemento religioso reforça a aura de especialidade do objeto de tal qualificação. No caso em particular, a bênção e a graça divinamente concedidas aos feirenses (e não totalmente explicadas no primeiro verso) seriam então este clima especial, cuja singularidade provinha do poder de curar enfermidades, notadamente as respiratórias.

A relação entre um "clima sagrado" e um clima capaz de curar não está explícita de imediato nesta estrofe, e por isso tal significado se perdeu com o passar das décadas. No momento em que escreveu o hino, porém, essa relação estava muito clara para Erisman, que como muitos de seus contemporâneos, cresceu ouvindo que Feira de Santana era a "Petrópolis Baiana", a "Cidade Sanatório" (lugar que sana, lugar que cura). A produção de outros artistas do período confirma a existência desta visão. Em 1910, por exemplo, o poeta Arthur Penna publicou o soneto *Feira de Santana*, em que exaltou as qualidades curativas do clima local:

Feira de Santana
A natureza, desfeita em afagos
Quis dar-te pra duradouro condão,
Esse ar puro que hauri em longos tragos,
E que é honra e fama do teu sertão.

Não sei de céu mais belo e encantador,
Nem de alvoradas de frescura tanta!
Sei que em teu regaço confortador,
A vida ressurgue, vigora e encanta.

Batido por teimosa enfermidade.
– Oh, momento feliz de minha vida!
Abriguei-me ao teu clima divinal;
E, agora, em plena vitalidade,
Traduzo de minha alma enterneçada,
O agradecimento perenal.³⁶

Godofredo Filho, ícone do modernismo literário na Bahia, no poema *Feira de Santana*, publicado dois anos antes do lançamento do hino por Erisman, diz-nos logo de início:

a Rua Direita evocava tanta gente acabada
[...] cidade clara do clima generoso elixir de alegria
cidade onde os tuberculosos vão beber o ar que acalma as tosses

³⁵ EBERSOLE, Luke. Sagrado. In. SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 1095.

³⁶ PENNA, Arthur. Feira de Santana. *O Município*, Feira de Santana (BA), 29 maio 1910, p. 1.

e passeiam a ver se coram nas manhãs luminosas
a ver se coram.³⁷

Na crônica *Cidade do silêncio e da melancolia*, escrita em 1932 e publicada em 1939, Boaventura, outro cronista feirense, escreveu:

Turistas circunspectos refestelam-se nas poltronas à porta da pensão e gabam enfaticamente a temperatura da cidade. [...] O de cinza comunica [...], que aumentou quatro quilos. O outro [...] regozija-se porque a falta de ar diminuiu. [...]
Tenho pena da menina que entra na matriz. Deve agora fazer uma oração sincera! "Nossa Senhora, eu quero ficar boa. Que o ar de Feira de Santana cure o meu pulmão!".³⁸

Noutra crônica, *A cidade dormindo*, de 1933, registrou a naturalidade com que se tratava a presença de tuberculosos que buscavam a cura na cidade:

Quem é? / É de Cachoeira. Tuberculose, dizem os filhos da Candinha. / Pobrezinha! Na certa que, se eu fosse um poeta [...] teria improvisado, no quente, uma droga qualquer irmã de *O noivo do sepulcro*, com o título altamente sugestivo: *A tuberculose*.³⁹

Na crônica *A velha e a nova cidade* (anos 1950), Boaventura explica a toponímia das ruas:

eram resumo de longas histórias e criaram adágios da terra, Bacatela [sic], por exemplo, ficava no fundo por detrás da luxuosa Avenida Senhor dos Passos, sendo de pequeníssimo tráfego. Costumou-se atirar nos seus meandros tudo que não mais prestava como trastes velhos e objetos usados por doentes, sobretudo por tuberculosos que aqui morriam [...]. Considerada sanatório a cidade, para aqui acorriam doentes ricos e pobres. Por ser rua larga postada frente ao então vastíssimo Campo do Gado, desnudado aos ventos todos, era a Rua Senhor dos Passos a mais procurada para as curas, que só chegavam com a morte.⁴⁰

Vários outros exemplos poderiam ser citados, mas já demonstramos em outro estudo como se construiu a ideia da especialidade climática de Feira de Santana entre meados do século XIX e a primeira década do século XX.⁴¹ Podemos aqui resumir tal fenômeno, contudo, lembrando que derivou da ocorrência da grande epidemia de cólera morbus, na Bahia, entre 1855 e 1856, evento que provocou mais de 36.000 mortes.⁴² Na ocasião a natureza bacteriológica da cólera era desconhecida pelos médicos baianos, e a maioria das enfermidades era atribuída a ação de gases nocivos, os chamados miasmas, que se acreditava emanar da matéria orgânica em decomposição. E a forma de combatê-los era assegurar que o ar circulasse livremente nos ambientes, dispersando os miasmas. Segundo tal entendimento, a

³⁷ GODOFREDO FILHO. *Feira de Santana*. Salvador: EGBA, 1999 [1926], p. 20.

³⁸ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2006, p. 51.

³⁹ *Ibidem*, p. 56.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 87.

⁴¹ SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

⁴² DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do séc. XIX*. Salvador: EDUFBA; Sarah Letras, 1996, p. 129.

condição de Feira de Santana, de cidade alta e arejada (já que assentada em planalto, como assinalam os seus cronistas), explicava a sua benignidade.

Tal associação ocorreu ainda durante a epidemia de cólera, pois enquanto em outras cidades próximas a epidemia fez milhares de vítimas (8.200 em Cachoeira e 8.500 em Santo Amaro, por exemplo)⁴³, em Feira de Santana os óbitos não chegaram a 130.⁴⁴ A razão para uma mortalidade menor na cidade deve ter sido a existência das muitas nascentes ou 'olhos d'água' da região. O vibrião do cólera morbus é transmitido principalmente pela água contaminada, mas com várias fontes disponíveis, abastecendo áreas diferentes da cidade, as chances de disseminação da doença a partir de uma única fonte comprometida foram sensivelmente reduzidas. As muitas nascentes e fontes de Feira de Santana devem então ter pulverizado a coleta de água o suficiente para evitar uma disseminação maior da epidemia.

Seja como for, tal relação entre o vibrião e a disseminação da doença não era conhecida em 1855-1856, e a dissipação dos miasmas pela condição elevada de Feira de Santana firmou-se como a explicação aceita para a pouca mortandade.⁴⁵ O episódio da cólera foi superado, mas a referência ao ambiente benfazejo da cidade permaneceu. Esta condição acabou identificada com o clima feirense e este, por sua vez, à cura de doenças respiratórias, sobretudo a tuberculose. Embora essas correlações não estejam explícitas na letra do hino, elas eram bem familiares aos feirenses da geração da autora. O poderoso "clima sagrado" a que se refere, portanto, é este clima curativo, cuja fama atraiu tantos "turistas", citados por Boaventura. Eram eles tuberculosos em sua maioria, que buscavam os ares da cidade para aplacar suas enfermidades. São eles os "estranhos dominados" aos quais Erisman se refere.

As estrofes III, IV e V apresentam uma identificação da cidade com a imagem e os atributos femininos. Segundo Ramos, a Feira de Santana celebrada por Georgina Erisman em seu hino é uma "cidade mulher".⁴⁶ Isso reflete a própria condição da maestrina, inserida em um meio no qual a participação feminina (da elite feirense) na vida pública, mesmo marcada por restrições, começava a se intensificar e se traduzia por uma maior visibilidade e participação "na construção da cidade ideal".⁴⁷ Para Ramos, no hino há vários indicativos da correlação entre a figura feminina e a cidade, como a menção à "terra moça" e à "filha querida", e com uma condição de não passividade, expressa por substantivos que também a definem como realizadora: "poetisa", "fiandeira".

A terceira estrofe, evoca a beleza da cidade (a criança sorridente), mas traz também outra mensagem: a criança é uma promessa futura. Feira de Santana havia sido elevada a cidade em 1873, contando em 1928 com apenas 55 anos nesta condição, enquanto Salvador

⁴³ DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível...* Op. cit., p. 137.

⁴⁴ SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, civilidade...* Op. cit., p. 44.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 49-50.

⁴⁶ RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus (BA), p. 132.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 133.

já somava 379 anos naquela ocasião.⁴⁸ Outras localidades eram mais reconhecidas que Feira de Santana por sua antiguidade e história. Cachoeira, com a qual os feirenses tinham intenso e cotidiano contato comercial, embora elevada a cidade no mesmo ano que Feira de Santana, era relevante política e economicamente desde o período colonial, quando foi tornada Freguesia, em 1698.⁴⁹ Já Santo Amaro da Purificação havia sido fundada em 1557, ainda que só em 1837 tenha obtido o título de cidade.⁵⁰

Havia uma percepção de incipiência, em relação à existência da sociedade feirense, mesmo porque somente no decurso do século XIX a economia local alcançou um volume que permitiu à cidade maior projeção. Até então, doenças e condições climáticas eram fatores fortes o suficiente para provocar sensíveis retrações na vida social e econômica local, como ocorreu quando os naturalistas alemães Jean Baptiste Von Siph e Carl Frederich Von Martius, passaram em excursão pelo então arraial, em 1819, em meio a um período de seca, descrevendo-o como um "miserável povoado", onde até mesmo a feira de gado encontrava-se suspensa.⁵¹ A vigorosa cidade comercial de Feira de Santana foi consolidada com o avançar do século XIX.⁵² Por isso o reconhecimento da neonatividade feirense, à época, por Georgina, a qual foi reforçada no terceiro verso da estrofe, que atribui à cidade o futuro como tempo de realização plena de suas potencialidades.

Este discurso reflete ainda a crença muito difundida na Bahia do período, em um processo de modernização em curso que devia aproximar a cidade de um novo ideal de sociedade. Aqui, novamente, o futuro é a seara da realização desta visão. Mas que modernidade era essa? Não há uma resposta simples para essa pergunta. Para além do debate teórico em torno da definição e significado do que seja moderno, é fato que a sociedade efetivamente cultivava uma ideia, ainda que difusa, de modernidade, pelo menos desde fins do século XIX e nas décadas iniciais do XX.⁵³

⁴⁸ A vila de Feira de Santana foi criada em 13 de novembro de 1832. O município foi criado em 9 de maio de 1833 e instalado em 11 de setembro de 1833, sendo então elevado à condição de cidade em 18 de setembro de 1873. POPPINO, Rolie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968, p. 109.

⁴⁹ Cachoeira. *Cidades@*. (Recurso Eletrônico). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=290490&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>. Acesso em: 11 abr. 2016.

⁵⁰ Santo Amaro (BA). (Verbete). In. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, v. 21, p. 294-304.

⁵¹ MOREIRA, Vicente Deocleciano. Caminhos históricos da feira de Feira de Santana: origens e secularidades. *Sitientibus*, Feira de Santana (BA), n. 10, p. 185-198, jul.-dez. 1992, p. 191.

⁵² Feira de Santana já era relevante antes do século XX. Em 1825 um relatório ao governo imperial, informava ter no "grande e populoso arraial de Santana dos Olhos d'Água", 3 a 4 mil pessoas nas terças-feiras, dia da feira semanal. Em 1881, Feira contava com 102 casas comerciais, tornando-a o 3º centro comercial do interior. Cf.: SILVA, Aldo José Morais. A feira e o mercado: notas sobre a inserção de Feira de Santana na economia baiana. In. SILVA, Elizete; FAGUNDES, Erivaldo Neves (orgs.). *Cultura, sociedade e política: ideias, métodos e fontes na investigação histórica*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2014, p. 215. Mas, o século XIX viu econômicas, por fatores climáticos como a mencionada seca. Apenas no início do século XX a interação entre agricultura, pecuária, comércio de gado e varejista (com o um setor de serviços e de uma pequena indústria manufatureira), alcançou um volume que permitiu à economia feirense resistir aos infortúnios naturais, minimizando retrações tão sensíveis quanto as vividas no XIX e antes.

⁵³ Ver: FAGUNDES, Paulo Roney Ávila. O significado da modernidade. *Direito ambiental contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2004, p. 205-246; REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005; TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambiguidades da modernidade. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 43, n. 1, jan.-abr. 2007.

Há indícios de tal expectativa de modernidade em diferentes campos do quotidiano, dos mais prosaicos aos mais representativos do etos e das aspirações feirenses. Em 1896, por exemplo, encontrá-la-emos em anúncios ordinários dos periódicos locais, para conferir distinção a produtos com aquele valor supremo, a modernidade: “mandou vir [o anunciante] diretamente de Paris um variado sortimento de camisas [...] o que há de mais moderno”.⁵⁴ Nos anos de 1920 estas noções de modernidade se expressam nas mudanças do cenário urbano, sobretudo no padrão arquitetônico. Em janeiro de 1920, por exemplo, o jornal *Folha do Norte* dava o tom de tal leitura:

Mais bonita e bela vai, dia a dia, material e socialmente, a Feira evoluindo aos olhos dos viajantes e visitantes [...] De alguns anos para cá, a evolução material vai rápida, aos sonhados e almejados desideratos da moderna estética, da civilização contemporânea.⁵⁵

No mesmo ano, em agosto, a “moderna estética” ganhou forma no projeto da nova prefeitura da cidade. Sua concepção já trazia a modernidade como um traço definidor do seu significado para a sociedade: “O Sr. Cel. Intendente vai, em breves dias, submeter à apreciação do respectivo Conselho uma exposição de motivos, relativa à construção de um edifício amplo e de tipo moderno”.⁵⁶ A nova avenida que seria aberta, juntamente à construção da nova sede da prefeitura, deveria trazer também as marcas do novo tempo, e para isso só deveriam ser ali autorizadas “habitações de tipo moderno e arquitetura singela”.⁵⁷

Até mesmo a crítica às práticas sociais, tidas como inadequadas, balizavam-se por ideias de modernidade, fosse ela julgada excessiva, como no texto seguinte:

Mandemoiselle futilidade
 Ei-la que passa toda modernismo e toda graça,
 na divinização da silhueta fins do século XX.
 Ela é bonita, ela é toda um requinte da arte da “*maquillage*”.
 Ela é fútil. [...]
 Anda só, bebe *chops*, fuma, não usa meias e tem coragem das atitudes escandalosas.
 É em suma, a mulher moderna.⁵⁸

Fosse ela julgada insuficiente, como quando se reclamava: “É incrível que a sociedade moderna, civilizada [...], tolere e acolha tais embustes”, referindo-se às “crendices de feitiçarias”.⁵⁹ A própria Georgina Erismann foi identificada com a modernidade. Para o articulista do *Folha do Norte* a musicista podia ser caracterizada como tal por seu trabalho: “Há uns anos atrás, fiz, por estas mesmas colunas, a apresentação da autora, como poetisa moderna. Nada, até agora, me obriga a uma revisão de seus méritos como tal”.⁶⁰

Em todos os casos, o que importa ressaltar é que não é preciso buscar um conteúdo concreto para o que seja o moderno nestas falas, ainda que aspectos tidos como emblemáticos

⁵⁴ O Baliza - grande alfaiataria civil e militar. *O Propulsor*, Feira de Santana (BA), 29 nov. 1896, p. 3.

⁵⁵ Justo apelo. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 31 jan. 1920, p. 1.

⁵⁶ Novo paço e grande avenida. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 28 ago. 1920, p. 1.

⁵⁷ A nova avenida. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 16 out. 1920, p. 1.

⁵⁸ ALENCAR FILHO. Mandemoiselle Futilidade. *Folha da Feira*, Feira de Santana (BA), 9 out. 1933, p. 4.

⁵⁹ O nosso atraso. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 15 dez. 1938, p. 1.

⁶⁰ Vida feirense - [notas sobre] 1940. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 13 jul. 1940, p. 1.

de sua realização possam ser apontados em uma ou outra alteração da experiência e da estrutura urbana. Com efeito, assim como o estudo da fé prescinde da existência da divindade, a noção de moderno também não carece de um conteúdo preciso para que se constate que a sociedade faz uso desta ideia para dar forma aos seus anseios por mudança e melhoria das condições de vida, especialmente no contexto da Primeira República (embora o moderno possa ser identificado também como uma ameaça, em alguns casos, por alguns grupos). É por ser tão fluida que tal noção se mostra funcional por tanto tempo junto ao senso comum. E, como já foi dito, o futuro é o tempo por excelência de realização desta modernização. Nesse sentido, ser uma cidade do (ou para o) futuro, é ser um espaço em que o moderno se realizará.

Mas a poetisa não estava alheia às questões e problemas enfrentados pela cidade naquele momento, nem poderia. No verso seguinte lê-se que a “criança” é também “descuidosa da sua beleza”. Tal referência traduz a percepção de problemas da vida urbana, como saneamento, limpeza, iluminação etc. Feira de Santana também vivenciava tais carências e elas estavam nas discussões quotidianas, até porque elas eram demandas antigas. Em nota sobre a percepção de um visitante à cidade no século XIX foram assinaladas as discrepâncias entre os cuidados com as vias principais e com os becos da cidade:

A primeira impressão em nosso espírito determina sempre a nossa ação relativamente ao fato, que assim nos tocou.
Foi, o que nos sucedeu nesta bela cidade, quando nela entramos; suas espaçosas ruas, bem alinhadas [...]
E maior seria ela, se pudéssemos dispensar o quase, fundado apenas na falta de asseio em alguns becos.⁶¹

As fontes do período em que Erisman publicou o hino não são variadas e omitem as falas que apontam tais fragilidades na organização urbana, pois o único periódico que nos chega desse período é o *Folha do Norte*, e este era, nesse período, um órgão situacionista. O então intendente, Elpídio Raymundo Nova (mandato de 1928 a 1931), era correligionário de Arnold Silva, ele próprio ex-intendente e proprietário do jornal. Assim, o *Folha do Norte* não apresenta críticas à administração municipal ou aos problemas da cidade, postura diferente da adotada anos antes, quando servia aos constantes embates políticos.⁶² Temos uma amostra da abordagem do periódico, em sua fase de antagonismo, no texto da coluna Chispas nº 10, subintitulada “tuberculose na Feira”, do médico Fernando São Paulo:

Esta cidade é no presente um dos maiores focos de tuberculose no Brasil.
[...] se se observar, atento, o modo porque se executa a higiene, ter-se-á o constrangimento de verificar que a Feira está caminhando a passos largos na conquista do título tenebroso de antecâmara da morte.⁶³

O fato é que problemas urbanos existiam e a população os percebia. A referência à falta de cuidados da cidade consigo mesma mostra um quê de crítica às gestões públicas de seu

⁶¹ A Verdade antes de tudo. *Correio de Notícias*, Feira de Santana (BA), 31 jan. 1886, p. 1.

⁶² CAMPOS, Juliano Mota. *Entre tinteiros e palanques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana-BA (1909-1930)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana (BA), p. 28.

⁶³ SÃO PAULO, F[ernando]. Chispas 10: Tuberculose na Feira. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 7 out. 1911, p. 1.

tempo, e aos hiatos entre a cidade desejada e a vivida. Essa crítica confere ao hino uma particularidade, já que este tipo de composição, como se sabe, presta-se normalmente apenas ao enaltecimento do seu objeto. Aqui, como antecipamos, a diferença se explica pelo fato de que Erisman produziu o seu hino no âmbito de suas atividades na Escola Normal, tendo ele integrado o hinário daquela instituição, com outras composições da maestrina e de outros autores, todas direcionadas ao segmento estudantil.⁶⁴ Ou seja, embora Erisman tenha composto um hino para Feira de Santana, ela jamais pretendeu que este fosse o hino oficial da edilidade, mas apenas mais um hino para as suas alunas. Além de uma temática cívica-patriótica, o hinário traz mensagens relacionadas à construção/promoção de valores cristãos, das virtudes femininas e da educação em geral. Seu foco estava no processo de formação das normalistas e no papel destas na sociedade. Logo, a crítica no hino ganha sentido quando este é tomado como uma ferramenta pedagógica, para promoção de valores ao seu público. As normalistas, como futuras mestras, deviam entender e difundir a necessidade de instigar seus pupilos, a corrigir os “descuidos” que se observava no momento presente.

O último verso dessa estrofe “Terra moça de sã natureza”, como já pontuamos, assinala que a cidade é um ente feminino. E a condição de “moça” enfatiza a juventude do lugar e põe no futuro (tempo da maturidade) o momento de sua plenitude como sociedade, o que, ao mesmo tempo, reforça o sentido de engajamento dos promotores dessa condição, em especial as normalistas, formadoras das futuras (e realizadoras) gerações. Mas a “moça” aqui também é dotada de uma “sã natureza”, cujo sentido escapa ao leitor contemporâneo.

A referência à natureza sã parece evocar a fama de cidade sanatório, como já comentamos. Mas o sentido presente na referência à sã natureza aqui é outro, e diz respeito às virtudes morais da sociedade, entendidas como condição *sine qua non* para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a maestrina usa uma metáfora social que articula o corpo feminino à sociedade, a esperança no futuro e a necessidade de que esse organismo social seja “são”, isto é, que seja moral, para que o objeto dessa esperança se realize.⁶⁵

A relação entre moralidade e sanidade é outra associação que escapa ao ouvinte hodierno do hino, mas era de fato muito comum para a maestrina e seus contemporâneos. Nesse sentido, falar em um corpo são e higiênico era falar, acima de tudo, em um corpo moral. Tal entendimento não era novo quando Erisman compôs o hino, e não era exclusivo da comunidade feirense. Pelo contrário, os feirenses apenas reproduziam concepções surgidas na Europa do século XIX, que se incorporaram às concepções e práticas médicas e educacionais no Brasil, na mesma época. Na França, segundo Gleyse e Soares, os manuais escolares de higiene e moral dedicavam-se a difundir e fixar tais referências entre os educandos para

⁶⁴ Ao todo 15 obras compõem o hinário da Escola Normal. O primeiro deles é o Hino à Feira. Outras quatro obras são também assinadas por Erisman (“Hino ao trabalho”, “Canção patriótica”, “Ao 3 de maio” e “Redenção”). Dentre as demais obras se encontra o “Hino Nacional”, o “Hino da Independência” e outros. Ao que tudo indica, de outros docentes da Escola Normal, com temática cívica e patriótica.

⁶⁵ RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem... Op. cit.*, p. 133.

garantir sua adequada formação e integração à sociedade.⁶⁶ Um deles expressava isso muito claramente: “Seguir as leis da higiene, ser limpo e equilibrado, é tornar-se mais apto a preencher todos os deveres: ter um corpo são é um dos meios que conduzem a ter uma alma sã”.⁶⁷

Os educadores e profissionais médicos nacionais incorporaram tais preceitos em seus projetos e práticas institucionais. Rocha demonstra isso no funcionamento do Instituto de Higiene de São Paulo, criado em 1918.⁶⁸ Segundo a autora, ali atuou como diretor do Departamento de Higiene Escolar, em 1922, o Dr. Antonio de Almeida Junior (não por acaso também professor da Escola Normal do Braz), cuja tese de doutorado tinha por título *O saneamento pela educação*. No seu estudo vê-se bem a relação então compreendida entre a necessidade da observância aos princípios morais para o êxito da formação intelectual e, por implicação, da gestão social e da saúde, especialmente nos espaços urbanos:

Compreende-se que não basta sanear o ambiente. O homem alheio à higiene é o maior viveiro de germens patogênicos, e o mais ativo popularizador de moléstias. Só ele mesmo, pela sua própria vontade, aquecida pela educação moral e orientada pela instrução higiênica, poderá estancar a fonte morbígena.⁶⁹

Em Feira, tal associação era aceita desde o início do século XX e era difundida pela imprensa. Em 1907, por exemplo, em nota intitulada “A higiene em dez máximas” lia-se: “Higiene do vestido – o vestido mais higiênico é o vestido decente”.⁷⁰ Em 1911 a coluna “Chispas III”, subtitulada “Em torno da moda: a ‘saia-calção’”, questionava: “Que nos dirá ela [a moda] no que toca a higiene e a moral?”.

Ramos informa a existência, em Feira de Santana, neste mesmo período, da biblioteca da Pia União das Filhas de Maria, instituída, segundo seu relatório anual, para proporcionar “leituras sãs e proveitosas nem só às Filhas de Maria como também [às] pessoas estranhas à Congregação”.⁷¹ A Pia União era constituída sobretudo pelas jovens solteiras da sociedade feirense, parte delas filhas das integrantes da Associação das Senhoras de Caridade, que tinha entre suas componentes a mãe da própria Geórgina Erisman, Leonilda Bacelar de Mello Lima, e que eram benfeitoras do Asilo Nossa Senhora de Lourdes, que por sua vez abrigava a biblioteca da Pia União.

Segundo Ramos, o acervo da biblioteca era pensado para proporcionar a formação moral considerada apropriada às jovens feirenses, garantindo assim a “profilaxia do espírito, a higiene da alma”,⁷² e para isso suas administradoras valiam-se da obra *Através dos romances: guia para as consciências* (1923), do Frei Pedro Sinzig, com uma relação comentada de 21.553

⁶⁶ GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Como se fabricam os anjos?: uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 805-824, dez. 2012, p. 881-812.

⁶⁷ *Apud: Ibidem*, p. 813.

⁶⁸ ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. *Cadernos Cedes*, Campinas (SP), v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003, p. 40.

⁶⁹ Almeida Junior. *Apud: Ibidem*, p. 42.

⁷⁰ A higiene em dez máximas. *O Progresso*, Feira de Santana (BA), 3 nov. 1907, p. 3.

⁷¹ RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem... Op. cit.*, p. 98; PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA. *Relatório anual*. Feira de Santana (BA), 1916, p. 14.

⁷² PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA. *Relatório anual*. Feira de Santana (BA), 1922, p. 26v.

livros e 6.657 autores, nacionais e estrangeiros. O guia trazia indicações e recomendações acerca das diferentes obras listadas quanto a sua pertinência moral, adequação aos valores católicos e indicação ou não para a leitura, em notas como: "Narrativas edificantes, em todos os gêneros da 'san moral'".⁷³

É evidente que a maestrina em sua juventude e vida adulta teve contato direto com a biblioteca propriamente dita, ou pelo menos com os seus ideais, em seu círculo familiar e social. Tais referências explicam a alusão de Erisman a uma "terra moça de sã natureza". Trata-se de uma metáfora para a sociedade, que evoca a imagem da pureza do corpo norteado pelos preceitos morais, assegurando uma conduta higiênica e, portanto, sã. Ou seja, a "terra moça de sã natureza" de Erisman seria uma sociedade de 'boa índole', cujo comportamento de seus entes era 'naturalmente' dos mais elevados, porque moral. E por ser assim era uma sociedade virtuosa e vigorosa, apta às realizações que o futuro lhe reservava.

Nesse sentido, é preciso lembrar que o hino compõe um conjunto de outros cânticos presentes no hinário da Escola Normal, destinados a incutir valores e padrões julgados apropriados à formação das (e reprodução pelas) normalistas. Logo, mais do que apenas um registro ou exaltação imediata da "sã moral" imanente ao comportamento do feirense, o hino é também, no que tange ao seu caráter pedagógico, uma mensagem de reforço e perpetuação destes princípios de moralidade e dos seus entendidos desdobramentos, junto às futuras gerações.

A quarta e a quinta estrofes do hino trazem um foco maior no elemento poético, sem uma mensagem mais específica e com apelo sobretudo estético. Não obstante, tem-se ainda na quarta estrofe as referências à cidade "poetisa" e "fiandeira", que remetem à imagem da cidade mulher atuante, protagonista da construção social. Já a alusão às "noites vazias de agosto" parece espelhar a dinâmica social local, pois agosto marcava um hiato entre as festividades coletivas feirenses, como as celebrações juninas e da padroeira (em julho) e as festas de fim de ano. As noites de agostos são então caracterizadas como vazias porque esse era um período de redução das atividades em público, dias de reclusão e expectativas pelas próximas oportunidades de socialização.

A última estrofe, reitera a alusão à cidade feminina, sob a forma da "filha querida", e retoma um elemento simbólico de que se valia Erisman para caracterizar a cidade: a religiosidade católica, através da referência à Santana, a padroeira da cidade, de cuja relação maternal (conforme indica o hino) se espera proteção e condução. Com tal alusão a maestrina buscava identificar toda a sociedade com tais referenciais, desconsiderando (como já assinalamos antes) outras práticas e denominações religiosas que disputavam espaço na sociedade feirense. Já os versos finais alinham-se novamente com o que era esperado da poetisa dada a sua preocupação com o também já aludido caráter didático do hino. A referência ao povo que trabalha para elevação da cidade é, em grande medida, a síntese de uma expectativa educacional para com as novas gerações e o seu papel.

⁷³ Frei Pedro Sinzig. *Através dos romances: guia para as consciências*. Apud: RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem... Op. cit.*, p. 184.

Ao fim desse breve e incipiente exercício de interpretação resta evidente que o hino à Feira de Santana guarda estreita relação com o momento histórico em que foi produzido, seja quanto aos elementos simbólicos que apresenta, seja quanto às condições que tornam possível sua perpetuação como elemento de representação da edibilidade.

Ao mesmo tempo, o desconhecimento quase completo dos sentidos originais da mensagem concebida por sua autora, pela geração hodierna, demonstra como a dinâmica de elaboração e expressão dos referenciais de uma sociedade são fluidos e incertos. De fato, cabe até especular: até que ponto mesmo os contemporâneos de Georgina Erisman apreenderam todas mensagens ali contidas? Até que ponto outras leituras não floresceram a partir do texto primevo?

Seguramente elas foram diversas, sobretudo quando lembramos que o meio em que se perpetuou foi o ambiente escolar, entoado por educadoras e estudantes de diferentes níveis, antes de ser reproduzido em eventos públicos oficiais, cada uma destas circunstâncias, por si próprias, dotadas de múltiplos sujeitos e propósitos. Atualmente poucos são os traços capazes de fazer o feirense reconhecer-se no hino. A referência à cidade feira, sem dúvida ainda diz muito da vocação comercial do lugar. A referência ao futuro como tempo de realização de seu potencial também encontra eco na sociedade, muito em sintonia com o espírito dos tempos hodiernos, fascinado que é pelas novas tecnologias e seus efeitos no cotidiano. Mas não muito mais do que isso.

Certo é que se os sentidos originais foram perdidos, nada impede que outros sejam construídos. Esta relação, como o dissemos, é fluida e dinâmica. E a experiência em torno do hino feirense, provavelmente diz-nos menos sobre perda do que sobre transformação, ainda que o ritmo e característica das mudanças nos escapem à percepção por conta do paralelismo sincrônico que nos encontramos em relação ao fenômeno. Reconhecer sua existência, contudo, é um primeiro passo no sentido de identificar essa tendência e, quiçá, lograr a apreensão de novas leituras que necessariamente dialogarão com uma realidade social distinta.

Referências

Fontes

Fontes Manuscritas

PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA. *Relatório anual*. Feira de Santana (BA), 1916.

PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA. *Relatório anual*. Feira de Santana (BA), 1922.

Fontes Impressas

A Conferência do cons. Ruy Barbosa nesta cidade pronunciada, no teatro Santana, aos 25 de dezembro último. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 10 jan. 1920.

A higiene em dez máximas. *O Progresso*, Feira de Santana (BA), 3 nov. 1907.

A nova avenida. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 16 out. 1920.

A Verdade antes de tudo. *Correio de Notícias*, Feira de Santana (BA), 31 jan. 1886.

ALENCAR FILHO. Mandemoiselle Futilidade. *Folha da Feira*, Feira de Santana (BA), 9 out. 1933.

BARBOSA, Ruy. *Campanha da Bahia*. [1919]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 173. (Obras completas de Ruy Barbosa. Vol. 46. Tomo III).

ERISMANN, Georgina (org.). Hino à Feira. In: *Hinário escolar para o orfeão da escola normal da Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: Livraria Silva e Irmãos, 1928.

Município da Feira de Sant'Anna: seu progresso assinalável através de zelosas administrações que trabalham pelo engrandecimento da linda "Petrópolis baiana". *Folha da Feira*, Feira de Santana (BA), 19 jun. 1933.

Município da Feira de Sant'Anna. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 14 maio 1927.

Justo apelo. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 31 jan. 1920.

Novo paço e grande avenida. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 28 ago. 1920.

O Baliza - grande alfaiataria civil e militar. *O Propulsor*, Feira de Santana (BA), 29 nov. 1896.

O nosso atraso. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 15 dez. 1938.

PENNA, Arthur. Feira de Santana. *O Município*, Feira de Santana (BA), 29 maio 1910.

SÃO PAULO, F[ernando]. Chispas 10: Tuberculose na Feira. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 7 out. 1911.

Vida feirense - [notas sobre] 1940. *Folha do Norte*, Feira de Santana (BA), 13 jul. 1940.

Recursos Eletrônicos

Cachoeira. *Cidades@*. (Recurso Eletrônico). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=290490&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>. Acesso em: 11 abr. 2016.

Obras de Referência

EBERSOLE, Luke. Sagrado. In. SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Santo Amaro (BA). (Verbete). In. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, v. 21.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife; São Paulo: Massangana; Cortez, 1996.

ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário personativo, histórico e geográfico de Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: Aliança, 1998.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2006.

BRAGA, Clézia. Histórico das regiões brasileiras, p. 1. *Geografia com Clézia Braga. (Blog)*. Publicado em: 2008. Disponível em: <http://cleziabraga.blogspot.com.br/2008/09/o-historico-das-regies-brasileiras.html>. Acesso em: 7 jan. 2016.

BRITO, José Arthur Tavares de. Poder, religião, política e mídia no Brasil: reflexões sobre a problemática do poder que perpassa os fenômenos religiosos, político e midiático. *Revista de teologia e ciências da religião*, Recife, ano 1, n. 1, p. 93-112, jan. 2002.

CAMPOS, Juliano Mota. *Entre tinteiros e palanques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana-BA (1909-1930)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana (BA).

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Ribeirinhos e colonos: a representação de uma identidade preferencial no hino de Rondônia. *Raído*, Dourados (MT), v. 4, n. 7, p. 333-346, out. 2010.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares. *Revista interfaces*, n. 20, v. 1, p. 78-94, jan.-jun. 2014.

DAVID, Onildo Reis. *O inimigo invisível: epidemia na Bahia do séc. XIX*. Salvador: EDUFBA; Sarah Letras, 1996.

DELUMEAU, Jean. O que sobrou do paraíso. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 31, p. 141-158, 2004.

DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 243-261, jan.-jun. 2006.

FAGÚNDEZ, Paulo Roney Ávila. *O significado da modernidade*. Direito ambiental contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2004.

- FRANÇA, Rubens Limongi. Castro Alves em São Paulo e na sua faculdade de direito. *Revista da Faculdade de Direito, USP, São Paulo*, v. 92, p. 581-585, 1997.
- FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- FURTADO, Edna Maria. *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. 2005. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional, Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Como se fabricam os anjos?: uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Porto Alegre*, v. 34, n. 4, p. 805-824, dez. 2012.
- GODOFREDO FILHO. *Feira de Santana*. Salvador: EGBA, 1999 [1926].
- GÓES, Andréa Beatriz Hack de. "Com a graça de deus": o humano como condição para a plenitude do divino. *Fragmentos de Cultura, Goiânia*, v. 19, n. 11/12, p. 877-888, nov.-dez. 2009.
- GRILLO, Angela Teodoro. Um estudo sobre o eu lírico do poeta arlequinal. *Contexto, Vitória*, n. 32, p. 116-136, jul.-dez. 2017.
- KUNZ, Marivete Zanoni. A bênção no antigo testamento. *Revista Batista Pioneira, Ijuí (RS)*, v. 1, n. 1, p. 23-40, jun. 2012.
- LAGEDINHO, Antonio do. Hino à Feira. *Feira Antiga. (Blog)*. Publicado em: 2 set. 2010. Disponível em: <http://feiraantiga.blogspot.com.br/2010/09/hino-feira.html>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A rainha destronada: discursos das elites letras sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2012.
- LIMA, Maria Helena Palmer; et al. (org.). *Divisão territorial brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p. 9. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf. Acesso em: 6 jan. 2016.
- MENDONÇA, Magaly; ROMERO, Hugo. Análise comparativa dos fatores e formas dos climas urbanos de Florianópolis - Brasil e Valparaíso - Chile. *8º Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica*. Alto Caparaó, MG: [S. n.], 2008, p. 5. Disponível em: http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/118151/ANALISE_COMPARATIVA_DOS_FACTORES_E_FORMAS_DOS_CLIMAS_URBANOS_DE_FLORIANOPOLIS-BRASIL_E_VALPARASO-CHILE.pdf?sequence=1. Acesso em: 31 jan. 2016.
- MOREIRA, Vicente Deocleciano. Caminhos históricos da feira de Feira de Santana: origens e secularidades. *Sitientibus, Feira de Santana (BA)*, n. 10, p. 185-198, jul.-dez. 1992.
- PENHA, Eli Alves. *A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: IBGE - Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 1993.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.
- RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus (BA).

- REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. *Cadernos Cedes*, Campinas (SP), v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (dir.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3: República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Aldo José Morais. A feira e o mercado: notas sobre a inserção de Feira de Santana na economia baiana. In: SILVA, Elizete; FAGUNDES, Erivaldo Neves (orgs.). *Cultura, sociedade e política: ideias, métodos e fontes na investigação histórica*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2014.
- SILVA, Aldo José Morais. De terra são a berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana. *Revista de história regional*, Ponta Grossa (PR), n. 13, v. 2, p. 104-133, 2008.
- SILVA, Aldo José Morais. *Natureza são, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833-1937*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SILVA, Aldo José Morais. O hino à feira: entre a resignificação e a identidade. *Projeto História*, São Paulo, v. 61, p. 115-147, jan.-abr. 2018.
- SILVA, Aldo José Morais. Um hino para a cidade: as disputas pela representação da memória e identidade através dos hinos cívicos em Feira de Santana, no século XX. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 35, v. 2, p. 51-74, jul.-dez. 2017.
- SILVA, Elizete da. O campo religioso feirense: um olhar poético. In: SILVA, Aldo José Morais (org.). *História poesia sertão: diálogos com Eurico Alves Boaventura*. Feira de Santana, BA: UEFS Ed., 2010.
- TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambiguidades da modernidade. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 43, n. 1, jan.-abr. 2007.